

## PENSAR O CONTEMPORÂNEO, AGIR NO PRESENTE

Sílvio Gallo<sup>1</sup>

---

Resenha de:

LAZZARATO, Maurizio. *Signos, Máquinas, Subjetividades*. São Paulo: n-1 edições/Edições Sesc São Paulo, 2014.

Estávamos acostumados a dizer que o brasileiro é passivo em termos políticos, que não se manifesta. Os jovens das gerações pós-ditadura, em especial, eram identificados como apáticos politicamente, sem interesse em participação efetiva nos debates nacionais. Em 2013, fomos surpreendidos por manifestações contra reajustes em transportes urbanos, que começaram aparentemente tímidas, mas que foram ganhando vulto e “incendiaram” as ruas de muitas grandes cidades brasileiras. O que estava acontecendo? Como analisar o fenômeno? Vimos muitos analistas políticos gaguejando ou então tentando enquadrar aquelas manifestações nas ferramentas de análise políticas tradicionais, mas ficava claro que algo não encaixava...

Neste contexto, o livro de Maurizio Lazzarato, *Signos, Máquinas, Subjetividades* é um verdadeiro achado. Ao pensar a problemática da subjetividade na política, fazendo uso de filósofos contemporâneos como Michel Foucault e Félix Guattari, o pensador e ativista italiano nos oferece novas chaves de leitura, que permitem ver e compreender questões que as teorias políticas tradicionais parecem não alcançar.

Maurizio Lazzarato é um sociólogo e filósofo italiano, radicado há muitos anos em Paris, onde hoje atua junto ao Colégio Internacional de Filosofia. Trabalhou com Antonio Negri em torno do conceito de trabalho imaterial, bem como com outros autores italianos, sobre a noção de capitalismo cognitivo, sendo hoje um crítico desse pensamento. De sua produção, temos também traduzidos no Brasil os livros *Trabalho Imaterial* (com Antonio Negri, DP&A, 2001); *As revoluções do capitalismo* (Civilização Brasileira, 2006); *O Governo das Desigualdades: Crítica da Insegurança Neoliberal* (Edusfcar, 2015). Dentre aqueles não publicados por aqui, destaco: *Expérimentations politiques* (Experimentações Políticas, Éditions Amsterdam, 2009); *La fabrique de l'homme endetté: Essai sur la condition néolibérale* (A fábrica do homem endividado : ensaio sobre a condição neoliberal, Éditions Amsterdam, 2011); *Gouverner par la dette* (Governar pela dívida, Les Prairies Ordinaires, 2014). Como se pode notar, trata-se de produção centrada na análise das feições contemporâneas do capitalismo e de sua política de natureza neoliberal. Lazzarato se

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: gallo@unicamp.br

esforça para dar inteligibilidade a estes processos, de modo a pensar as possíveis resistências e táticas de luta que permitam afrontar os avanços do capital.

Mas vamos a *Signos, Máquinas, Subjetividades*. A produção de n-1 edições em parceria com as Edições Sesc São Paulo é esmerada. Trata-se de mais um destes “livros-objeto” que a jovem n-1 vem produzindo: nesse caso, uma capa cinza-prata, cheia de engrenagens. Na orelha da primeira capa, encontramos encartada uma moeda de cinco centavos, que serve de instrumento para raspar as engrenagens, revelando novas ilustrações. *Signos e máquinas a engendrar subjetividades*. Como outras produções da editora, é uma edição bilíngue, nesse caso português e inglês. A tradução brasileira, direto do francês foi competentemente realizada por Paulo Domenech Oneto, com colaboração de Hortencia Lencastre. A versão em inglês foi preparada pela revista norte-americana *Semiotext(e)*.

O livro é composto por uma introdução, seguida de sete capítulos. O autor assinala que os textos foram escritos antes de seu livro *La fabrique de l’homme endetté*, publicado na França em 2011; apenas a introdução foi escrita posteriormente. Em minha forma de ver, os textos não são propriamente capítulos e podem ser lidos de forma mais ou menos independente (tal impressão é reforçada por não estarem numerados no sumário e não apresentarem uma sequência). Há alguma repetição de afirmações ao longo dos textos, o que também corrobora essa impressão de certa independência entre eles. Eu diria que há alguma irregularidade neles: alguns são mais fortes, têm mais verve; outros são menos vivos, mas não deixam de ser boas explorações. Certos textos estão mais centrados na exploração de ferramentas conceituais dos autores trabalhados, outros são mais experimentações do próprio Lazzarato na leitura do mundo contemporâneo da política e da sociedade.

Na esteira de Foucault, ele enxerga uma nova configuração daquilo que o filósofo francês denominou poder pastoral:

Não deve ser difícil ver que, por meio do agenciamento do cientista, do jornalista e do *expert*, estamos descrevendo uma metamorfose do ‘poder pastoral’: um novo ‘padre’ e um novo ‘rebanho’. Esse agenciamento tem o público na mão empregando as tecnologias semióticas de um ‘governo das almas’.  
(p. 131)

Vê-se, pois, que o tema central do livro é a política contemporânea e o autor o persegue a partir de uma afirmação feita por Félix Guattari em um seminário em 1984: a constatação de que a crise então vivenciada no mundo, mais do que de natureza econômica ou política, era uma crise de subjetividade. Para Guattari, a grande fraqueza do capitalismo contemporâneo está nos processos de produção de subjetividade; e Lazzarato emenda:

Com a desterritorialização neoliberal, não surgiu nenhuma nova produção de subjetividade. Ao mesmo tempo, o neoliberalismo destruiu as relações sociais anteriores e suas formas de subjetivação (subjetivação operária, comunista, social-democrata ou subjetividade nacional, burguesa etc.) [...] O capital sempre precisou de um território que não o do mercado ou da empresa, assim como precisou de uma subjetividade que não aquela do empresário; pois, apesar de o empresário, a empresa e o mercado fazerem a economia, eles desfazem a sociedade. (p. 14)

Em alguns de seus livros mais recentes, como *A fábrica do homem endividado* (2011) e *Governar pela dívida* (2014), ambos ainda não publicados em português, Lazzarato tem buscado explicitar a maquinaria política do neoliberalismo, em torno da noção de dívida e endividamento, mostrando que a governamentalidade (termo de Foucault) liberal contemporânea só pode ser compreendida no desvendamento desses mecanismos. Mas aqui, em *Signos, Máquinas, Subjetividades*, o objetivo é outro, embora também seja atravessado por estas questões; aqui, a questão é mesmo a produção de subjetividade e suas relações com a política. Por essa razão, a centralidade teórica do livro está em Félix Guattari; e duras críticas são dirigidas a importantes pensadores políticos contemporâneos, como Jacques Rancière e Alain Badiou, por não levarem em conta a problemática da subjetividade na política.

Aliás, o exercício da crítica aos contemporâneos não falta a Lazzarato. Em seu estilo de escrita, muitas vezes as críticas – frequentemente sarcásticas, corrosivas, arrasadoras – aparecem em nota de rodapé. Citarei apenas uma, para aguçar a curiosidade do leitor, que ele dirige às “novas versões críticas da teoria performativa”, nomeadamente a Zizek e a Butler. Na nota de rodapé nº 49, à página 167, lemos:

Nessas leituras ‘críticas’ ou mesmo ‘revolucionárias’ da relação entre língua e poder, ainda podemos ouvir os ‘gêneros do discurso’ do padre! Servidão radical e originária à ‘Lei’ e à ‘Lalíngua’ [*La langue*] (à castração, à repressão, à falta, na versão totalmente realizada do original de Lacan) substituem a dependência em relação ao pecado original. A repressão do desejo é a iteração moderna da antiga culpa diante da divindade. Agora não é mais o pecado da humanidade contra a ordem divina, mas o pecado ‘individual’ contra a ordem patriarcal e a lei do capitalismo. Esse retorno hegelo-laciano cheira a sacristia!

O livro está pontuado de críticas dessa natureza, o que mostra o diálogo do autor com a produção contemporânea: além de demarcar suas opções teóricas e suas “afinidades eletivas”, bem como evidenciar suas discordâncias com as leituras do mundo em que vivemos.

Ainda que a sua “constelação conceitual” (termo usado por Lazzarato em seu livro *As revoluções do capitalismo*) envolva a sociologia de Gabriel Tarde, a filosofia de Michel Foucault, de Gilles Deleuze e de Félix Guattari,

aqui o grande referente é mesmo o “filósofo das máquinas”, constituindo-se na engrenagem central que põe em funcionamento a maquinaria teórica deste livro. Isto fica evidente em trechos como este: “O grande mérito do trabalho de Guattari, que é problematizar a relação entre discursivo e não discursivo, questionar as modalidades de articulação do existencial com os fluxos econômicos, sociais, políticos etc., indica o enfraquecimento das terias contemporâneas que se dizem críticas ou revolucionárias” (p. 187).

Aí está o pivô dos movimentos contemporâneos, como aqueles que vivemos recentemente no Brasil: a articulação dos fluxos existenciais e desejantes com os fluxos políticos, econômicos, sociais. Uma teoria política que não leve em conta a subjetividade e o desejo, dificilmente dará conta de compreender estes fenômenos. Por isso, teorias contemporâneas que se pretendem críticas e mesmo revolucionárias acabam por naufragar em suas análises e nas táticas de luta que propõem. Presas que estão a velhos esquemas analíticos, desprezam a subjetividade, por não ver nela importância, e acabam por encadear discursos que são apenas performativos, sem efeitos práticos para as lutas sociais. E nisso Guattari foi original e inovador, ao colocar esses elementos (desejo e subjetividade) como centrais na ação e no pensamento políticos. Daí que o resgate das ferramentas conceituais que ele propôs é fundamental para que possamos compreender o contemporâneo e definir estratégias de ação.

A introdução de uma subjetividade de natureza maquínica (Lazzarato trabalha bastante bem essa noção de Guattari ao longo do livro) e dos fluxos desejantes, tal como pensados por Deleuze e Guattari, rompem radicalmente com uma ideia de democracia fundada na representação, além de estabelecer rupturas significativas com muitos signos do pensamento contemporâneo:

Essa cartografia da produção de subjetividade que rompe radicalmente com a filosofia analítica, com o lacanismo, com a linguística, com um certo marxismo, mas principalmente com o conceito e as práticas da representação (tanto política quanto linguística), produz um deslocamento do qual será preciso partir para pensar uma política à altura da crise atual. (p. 190)

Por isso a filosofia política contemporânea, pensada a partir do instrumental conceitual oferecido por Guattari, Deleuze, Foucault, ajuda a pensar os limites daquilo que é impensável para as teorias políticas clássicas ou mesmo para as teorias atuais que não rompem radicalmente com a ideia de representação, como assinala Lazzarato ser o caso de Rancière ou Badiou, por exemplo. Os movimentos sociais e políticos contemporâneos não se alicerçam na lógica da representação, são mais articulados com uma lógica da ação direta. Por isso, rejeitam a figura do partido, a figura do sindicato, as lideranças centralizadoras, construindo redes e constituindo articulações de natureza rizomática. Tentar fazer a leitura de tais

movimentos pela chave da representatividade é fracassar fragorosamente.

Enfim, *Signos, Máquinas, Subjetividades* constitui-se num movimento independente de pensar que nos desafia a colocar em xeque nossas certezas políticas, buscando novos elementos e possibilidades para pensar e agir neste mundo em que nos foi dado viver. Maurizio Lazzarato nos apresenta essa “constelação conceitual”, nessa oportunidade destacando Guattari como a estrela de maior brilho, como uma supernova capaz de encher de luz as sombras de nossas incertezas. Mas não pense o leitor que as respostas são apresentadas de forma pronta, como definitivas; afinal, “a tarefa política é descobrir, desdobrar e dar consistência aos encadeamentos coletivos, aos povos que estão em nós, que nos fazem falar e a partir dos quais produzimos enunciados” (p. 145). O que o autor nos apresenta são ferramentas conceituais, que ele procura mostrar que são adequadas para os problemas que vivemos. As respostas, sempre provisórias e locais, somos nós mesmos que teremos que construir.